

v.2, n.6, 2025 - Junho

# REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

## A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE FINANCEIRA PARA A TOMADA DE DECISÃO EM PROCESSOS DE VENDA EMPRESARIAL

Fabrizio Gallo Tabet<sup>1</sup>

Revista O Universo Observável  
DOI: 10.5281/zenodo.15597103  
[ISSN: 2966-0599](https://doi.org/10.5281/zenodo.15597103)

<sup>1</sup>Formado em administração

E-mail: [fabriziotabet@hotmail.com](mailto:fabriziotabet@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3347-3983>



## A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE FINANCEIRA PARA A TOMADA DE DECISÃO EM PROCESSOS DE VENDA EMPRESARIAL

Fabrizio Gallo Tabet



**PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE**

ISSN  
International Standard Serial Number  
2966-0599

[www.ouniversoobservavel.com.br](http://www.ouniversoobservavel.com.br)

Editora e Revista  
O Universo Observável  
CNPJ: 57.199.688/0001-06  
Naviraí – Mato Grosso do Sul  
Rua: Botocudos, 365 – Centro  
CEP: 79950-000

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a importância da análise econômico-financeira como instrumento de apoio à tomada de decisão nas organizações, com ênfase nas empresas de pequeno porte. Por meio de uma revisão bibliográfica qualitativa, foram selecionadas e examinadas produções acadêmicas que abordam os principais indicadores financeiros utilizados na gestão empresarial, com destaque para os índices de liquidez, rentabilidade e endividamento. A pesquisa evidenciou que a utilização desses instrumentos permite aos gestores compreenderem a real situação financeira da empresa, facilitando o planejamento estratégico, a gestão de riscos e a alocação eficiente de recursos. Identificou-se que muitas organizações, principalmente as de menor porte, enfrentam limitações na interpretação dos dados contábeis por falta de preparo técnico, o que resulta em decisões baseadas em percepções subjetivas. A análise dos documentos revelou que empresas que incorporam a análise econômico-financeira à sua rotina apresentam maior controle sobre seus resultados, conseguem antecipar dificuldades operacionais e financeiras e atuam com maior previsibilidade, reduzindo sua exposição ao risco. Constatou-se, ainda, que o uso adequado dos indicadores amplia a capacidade de negociação com fornecedores, facilita o acesso a crédito e atrai potenciais investidores, ao demonstrar a solidez da gestão e a viabilidade do negócio. Conclui-se que a análise econômico-financeira não deve ser tratada como mera formalidade contábil, mas sim como ferramenta estratégica fundamental para a sustentabilidade e crescimento das empresas em ambientes dinâmicos e competitivos.

**Palavras-chave:** Análise econômico-financeira. Indicadores contábeis. Gestão empresarial. Liquidez. Rentabilidade.

## ABSTRACT

*This study aimed to analyze the importance of economic and financial analysis as a decision-making support tool in organizations, with a focus on small businesses. Through a qualitative bibliographic review, academic works were selected and examined, addressing the main financial indicators used in business management, particularly liquidity, profitability, and debt ratios. The research showed that the use of these tools enables managers to understand the company's real financial situation, facilitating strategic planning, risk management, and efficient resource allocation. It was identified that many organizations, especially small ones, face difficulties in interpreting accounting data due to a lack of technical knowledge, which leads to decisions based on subjective perceptions. The analysis of the documents revealed that companies that incorporate financial analysis into their routine have greater control over their results, anticipate operational and financial difficulties more effectively, and act with greater predictability, reducing their exposure to risk. It was also found that the proper use of indicators improves negotiation with suppliers, facilitates access to credit, and attracts potential investors by demonstrating managerial soundness and business viability. It is concluded that economic and financial analysis should not be treated as a mere accounting formality, but rather as a strategic tool essential for the sustainability and growth of companies in dynamic and competitive environments.*

**Keywords:** Financial analysis. Accounting indicators. Business management. Liquidity. Profitability.

## INTRODUÇÃO

A análise econômico-financeira tem se consolidado como um instrumento indispensável à gestão estratégica das organizações, sendo especialmente relevante no contexto das micro e pequenas empresas que enfrentam limitações estruturais e operacionais. Em um ambiente marcado pela competitividade crescente e por instabilidades econômicas, torna-se necessário que os gestores dominem ferramentas que permitam avaliar, com base em dados contábeis confiáveis, a real situação patrimonial, financeira e econômica da empresa (Novaes; Mota, 2021).

A importância desse tipo de análise está relacionada à sua capacidade de transformar informações contábeis em subsídios técnicos para a tomada de decisão, permitindo desde o diagnóstico do desempenho empresarial até a projeção de cenários futuros. Nesse sentido, a utilização adequada das demonstrações contábeis, como o

Balço Patrimonial, a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e o Fluxo de Caixa, torna-se essencial para a formulação de estratégias financeiras de curto, médio e longo prazo (Matarazzo, 2010 apud Novaes; Mota, 2021).

Apesar da ampla aplicabilidade da análise econômico-financeira, observa-se que boa parte dos gestores de pequenas empresas ainda apresenta dificuldades em utilizar tais ferramentas de maneira técnica e sistemática. Isso ocorre, principalmente, pela ausência de formação específica, pela baixa informatização e pela sobrecarga operacional que impede uma visão analítica mais aprofundada sobre os dados financeiros do negócio (Brito; Pancieri, 2018).

As micro e pequenas empresas representam parcela significativa da atividade econômica brasileira e são responsáveis por boa parte da geração de empregos e da movimentação de capital. No entanto, muitas delas encerram suas atividades precocemente, em grande parte devido à má gestão financeira e à ausência de controles eficazes sobre receitas, custos e investimentos (Santos, 2021).

Essa realidade evidencia a necessidade de fortalecer a cultura de planejamento e controle financeiro nesse segmento, por meio da disseminação de práticas simples, acessíveis e eficazes de análise, que contribuam para a sustentabilidade e para o crescimento dos negócios. A adoção de indicadores como liquidez, endividamento, margem de lucro e rentabilidade, por exemplo, pode orientar a tomada de decisões mais racionais e embasadas em evidências (Brioso et al., 2019).

A justificativa para o desenvolvimento deste estudo está na constatação de que, embora existam metodologias consolidadas para a análise econômico-financeira, muitas empresas de menor porte ainda não conseguem aplicá-las de forma prática e contínua, o que limita seu potencial competitivo e sua capacidade de crescimento. Logo, investigar e sistematizar essas práticas, com base em autores especializados, é relevante para ampliar o conhecimento técnico e fortalecer a atuação gerencial.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como **objetivo** analisar a importância da análise econômico-financeira como instrumento de apoio à gestão estratégica em micro e pequenas empresas, com base em uma revisão bibliográfica de caráter exploratório. Pretende-se demonstrar como a utilização adequada dos indicadores e das demonstrações contábeis pode contribuir para o aumento da eficiência, da rentabilidade e da sustentabilidade das organizações.

Para alcançar esse propósito, adota-se como metodologia a pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores consagrados da área contábil, econômica e gerencial. A análise proposta visa reunir fundamentos teóricos capazes de orientar a aplicação prática da análise financeiro-contábil em empresas de pequeno porte, contribuindo para o aprimoramento da gestão e a superação dos desafios enfrentados por esse segmento.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 INDICADORES DE LIQUIDEZ

Os indicadores de liquidez representam ferramentas essenciais no processo de avaliação da capacidade de pagamento das empresas, especialmente no que se refere à quitação de obrigações de curto e longo prazo, sendo utilizados amplamente em análises financeiras para compreender a solvência das organizações diante de suas responsabilidades imediatas, o que é de extrema relevância para a manutenção da saúde financeira do negócio e para a tomada de decisões estratégicas que evitem crises de caixa e inadimplência (Brioso et al., 2019).

A liquidez corrente, um dos índices mais utilizados na prática contábil, refere-se à relação

entre o ativo circulante e o passivo circulante, indicando a capacidade da empresa de saldar suas dívidas de curto prazo com os bens e direitos disponíveis no mesmo período, sendo que valores superiores a um geralmente sinalizam que a empresa possui folga financeira para suas obrigações mais imediatas, enquanto valores inferiores a um podem representar riscos de iliquidez e necessidade de renegociação de dívidas (Novaes e Mota, 2021).

Já a liquidez seca apresenta uma leitura mais conservadora da posição financeira da empresa ao excluir os estoques do ativo circulante no cálculo, dado que esses ativos podem apresentar menor liquidez em momentos de urgência, sendo um indicador relevante em setores que trabalham com estoques volumosos ou de difícil rotatividade, permitindo identificar situações em que a liquidez corrente aparenta estabilidade, mas a real capacidade de gerar caixa imediato é reduzida (Matarazzo, 2010 apud Novaes e Mota, 2021).

Um indicador importante também é a liquidez geral, que considera tanto os ativos e passivos circulantes quanto os de longo prazo, sendo fundamental para a análise da capacidade de a empresa manter sua saúde financeira no médio e longo prazo, o que é particularmente útil em contextos de investimentos mais robustos, financiamentos prolongados e expansão de operações, pois mostra a sustentabilidade da estrutura financeira da organização (Brioso et al., 2019).

Na análise dos indicadores de liquidez, não se deve considerar apenas os valores absolutos, mas também sua evolução ao longo do tempo e sua comparação com empresas do mesmo segmento, pois oscilações frequentes ou resultados muito acima ou abaixo da média podem indicar distorções gerenciais, má alocação de recursos, dificuldades de recebimento ou problemas com gestão de estoques e prazos de pagamento (Brito e Pancieri, 2018).

É importante ressaltar que a interpretação desses índices deve ser feita à luz do contexto operacional e do modelo de negócios da empresa, já que empresas de varejo, por exemplo, tendem a ter maior rotatividade de estoques e ciclo operacional mais curto, o que pode influenciar diretamente nos valores dos indicadores de liquidez, exigindo do analista uma leitura crítica e ajustada à realidade da empresa analisada (Valente, 2019).

A liquidez é um dos primeiros pontos analisados por instituições financeiras no momento de concessão de crédito, pois revela o risco de inadimplência e a estabilidade das finanças da empresa, sendo, portanto, um fator decisivo para a captação de recursos, negociação de prazos com fornecedores e manutenção de parcerias estratégicas, especialmente em cenários de instabilidade econômica (Valle, 2011).

A ausência de controle sistemático dos indicadores de liquidez pode levar a uma falsa sensação de segurança, já que, mesmo com um bom volume de vendas, a empresa pode estar descapitalizada se suas operações não estiverem convertendo receitas em caixa com eficiência, o que demonstra a importância de análises periódicas e integradas com demais indicadores de desempenho (Oliveira Júnior, 2018).

Em micro e pequenas empresas, é comum que a falta de conhecimento técnico dos gestores os leve a negligenciar a análise da liquidez, tomando decisões baseadas na movimentação bancária ou em percepções subjetivas, o que pode comprometer a sobrevivência do negócio em situações de crise ou em períodos de baixa demanda, exigindo esforços posteriores mais custosos para reorganizar as finanças (Santos, 2021).

A correta interpretação dos índices de liquidez auxilia na identificação de gargalos operacionais, como excesso de estoques, prazos de recebimento longos ou descontrole no fluxo de caixa, elementos que afetam diretamente a capacidade de pagamento da empresa e que podem ser ajustados com medidas pontuais de gestão financeira, como renegociação com fornecedores, revisão de prazos de cobrança e melhoria no controle de entradas e saídas (Novaes e Mota, 2021).

No planejamento estratégico, os indicadores de liquidez devem ser utilizados de forma complementar com outros indicadores financeiros, como os de rentabilidade, endividamento e estrutura de capital, de modo a permitir uma visão mais completa da empresa e orientar a definição de metas realistas, políticas de investimento e decisões operacionais que estejam alinhadas com a real capacidade financeira da organização (Valle, 2011).

Ainda que indicadores de liquidez elevados possam parecer positivos, é necessário avaliar se não há excesso de capital ocioso ou subutilização de recursos, pois liquidez demasiada pode indicar ineficiência na aplicação dos ativos e perda de oportunidades de crescimento, sendo ideal manter um equilíbrio que permita enfrentar obrigações sem comprometer o dinamismo do negócio (Valente, 2019).

A literatura contábil destaca que a análise de liquidez é ainda mais eficiente quando combinada com a análise do ciclo financeiro, que considera o tempo entre o pagamento aos fornecedores e o recebimento dos clientes, pois essa abordagem permite compreender o real comportamento do capital de giro e planejar ações preventivas em períodos de sazonalidade ou aumento da demanda (Oliveira Júnior, 2018).

A análise de liquidez também tem papel relevante no processo de reestruturação empresarial, pois é a partir do entendimento da capacidade de

gerar caixa e manter os compromissos em dia que se pode propor alterações no modelo de negócios, cortes de despesas, reformulação de produtos ou realocação de investimentos, sendo uma base sólida para ações corretivas e preventivas (Brioso et al., 2019).

Em resumo, os indicadores de liquidez são instrumentos indispensáveis à boa gestão financeira e estratégica das empresas, permitindo não apenas medir a capacidade de pagamento, mas também avaliar a eficiência do ciclo operacional e a adequação entre receitas e despesas, sendo essenciais para sustentar decisões gerenciais mais seguras, racionais e voltadas à perenidade do negócio, especialmente no contexto das empresas de menor porte que enfrentam margens mais estreitas e maior vulnerabilidade a variações do mercado (Santos, 2021).

## 2.2 INDICADORES DE RENTABILIDADE

Os indicadores de rentabilidade são fundamentais para mensurar o retorno obtido pelas empresas sobre os investimentos realizados, permitindo aos gestores avaliarem a eficiência operacional e a capacidade de geração de lucros em relação aos recursos aplicados, sendo amplamente utilizados tanto para o planejamento financeiro quanto para a análise da viabilidade de novos projetos, expansão e reestruturação do negócio (Brioso et al., 2019).

Dentre os principais indicadores de rentabilidade, destaca-se a margem de lucro líquido, que expressa o percentual de lucro obtido após todas as deduções, tributos e despesas operacionais, sendo um parâmetro direto da lucratividade da organização e servindo de referência para comparações com concorrentes e metas internas, pois lucros baixos indicam necessidade de revisão nas estratégias de precificação, custos e processos (Valente, 2019).

A margem de lucro bruto, por sua vez, revela a diferença entre as receitas líquidas de vendas e o custo direto dos produtos ou serviços comercializados, indicando se o modelo de negócio é sustentável em termos de produção e comercialização, e sendo fundamental para avaliar a estrutura de custos e a viabilidade da atividade principal, principalmente em mercados de alta concorrência e margens estreitas (Novaes e Mota, 2021).

O retorno sobre o patrimônio líquido (ROE) é outro indicador amplamente utilizado que relaciona o lucro líquido ao capital próprio investido na empresa, refletindo o quanto os sócios ou acionistas estão obtendo de retorno sobre seus investimentos, sendo um parâmetro decisivo para atratividade da empresa perante investidores e para a manutenção da confiança dos controladores (Brito e Pancieri, 2018).

Também merece destaque o retorno sobre ativos (ROA), que mede a rentabilidade total dos ativos utilizados na empresa, permitindo avaliar a eficiência geral da estrutura operacional e da alocação de recursos, o que é especialmente útil em setores que demandam alto investimento em ativos fixos, como indústrias e empresas de infraestrutura (Valle, 2011).

Os indicadores de rentabilidade não devem ser analisados de forma isolada, pois sua real utilidade surge ao serem confrontados com o desempenho de períodos anteriores, com a média do setor e com os demais indicadores financeiros da empresa, como liquidez, endividamento e atividade, compondo uma visão estratégica que vai além dos números e revela padrões, tendências e oportunidades de melhoria (Brioso et al., 2019).

Empresas que apresentam boa rentabilidade, mas enfrentam baixa liquidez, podem estar operando com margens apertadas ou com desequilíbrios no ciclo financeiro, enquanto organizações com liquidez elevada e rentabilidade reduzida devem reavaliar sua política de preços, custos fixos e operacionais, buscando maximizar os ganhos sobre os recursos aplicados, o que exige um equilíbrio cuidadoso entre eficiência financeira e operacional (Novaes e Mota, 2021).

A análise da rentabilidade também é indispensável no processo de precificação de produtos ou serviços, pois permite definir valores que garantam margem suficiente para cobrir todos os custos e ainda gerar lucro líquido satisfatório, sendo essencial para a competitividade e para a permanência no mercado, especialmente em ambientes de consumo sensível ao preço ou de forte pressão por descontos (Oliveira Júnior, 2018).

Muitas micro e pequenas empresas apresentam dificuldades em manter níveis consistentes de rentabilidade devido à ausência de controles financeiros eficientes, à má formação de preços ou à falta de planejamento tributário, o que compromete o desempenho financeiro mesmo em cenários de aumento de vendas, reforçando a importância da profissionalização da gestão financeira e da aplicação contínua de indicadores de desempenho (Santos, 2021).

Os indicadores de rentabilidade também contribuem para a avaliação da eficiência dos investimentos realizados, auxiliando a distinguir quais ações e áreas da empresa estão realmente agregando valor ao negócio e quais precisam ser reestruturadas ou descontinuadas, permitindo uma alocação mais estratégica de recursos e favorecendo a priorização de projetos com maior retorno (Valente, 2019).

No contexto de captação de recursos, tanto em linhas de crédito quanto em negociações com investidores, a rentabilidade funciona como uma prova concreta da viabilidade do empreendimento,

sendo frequentemente exigida em análises de risco pelas instituições financeiras, pois evidencia se a empresa gera valor suficiente para sustentar seus compromissos e justificar aportes externos (Valle, 2011).

É comum que empresas em fase de crescimento apresentem rentabilidade reduzida nos primeiros anos de operação, principalmente quando operam com margens baixas e alto volume de reinvestimento, porém, o acompanhamento desses indicadores ao longo do tempo permite avaliar se a estratégia de crescimento está gerando resultados consistentes ou apenas mascarando fragilidades financeiras (Brioso et al., 2019).

O uso combinado de ferramentas como a Demonstração de Resultados, o EBITDA, a análise da DRE e os índices de rentabilidade propicia uma leitura clara da eficiência operacional, pois permite avaliar o desempenho da empresa antes e depois das incidências financeiras e fiscais, fornecendo insumos para decisões sobre endividamento, reinvestimento de lucros, distribuição de dividendos e expansão (Novaes e Mota, 2021).

Em empresas familiares ou de pequeno porte, é comum que a rentabilidade seja confundida com fluxo de caixa ou confundida com retirada pessoal dos sócios, o que gera distorções nos indicadores e dificulta o planejamento financeiro de longo prazo, tornando ainda mais necessária a estruturação contábil adequada e o acompanhamento técnico da performance financeira (Brito e Pancieri, 2018).

Assim, os indicadores de rentabilidade são instrumentos indispensáveis para avaliar a eficiência econômica da empresa, orientar decisões estratégicas e financeiras, garantir a atratividade do negócio e promover a perenidade organizacional, sendo essencial que estejam integrados a uma gestão baseada em dados, em análise crítica e na busca constante por melhoria contínua dos resultados (Santos, 2021).

### 2.3 INDICADORES DE ENDIVIDAMENTO

Os indicadores de endividamento são utilizados para mensurar o grau de dependência de capital de terceiros por parte da empresa, sendo fundamentais para avaliar a estrutura de financiamento das atividades operacionais, sua capacidade de honrar compromissos no curto e longo prazo e o nível de risco financeiro envolvido, permitindo decisões mais conscientes quanto à necessidade de captação de recursos ou de reestruturação das dívidas existentes (Brioso et al., 2019).

A análise do endividamento mostra até que ponto os recursos de terceiros estão sendo utilizados no financiamento das operações da empresa, sendo que altos índices podem indicar uma alavancagem

excessiva que compromete a capacidade de pagamento e aumenta a exposição ao risco financeiro, principalmente em cenários de instabilidade econômica ou de queda no faturamento, o que exige atenção constante dos gestores (Valle, 2011).

Entre os principais indicadores desse grupo, destaca-se o índice de participação de capital de terceiros, que relaciona o total de passivos com o patrimônio líquido, revelando a proporção dos recursos que não pertencem aos sócios e que precisam ser devolvidos, sendo um parâmetro amplamente utilizado para avaliar a solvência da empresa e sua estrutura de capital (Oliveira Júnior, 2018).

Outro índice importante é o de composição do endividamento, que evidencia qual a proporção das dívidas da empresa corresponde ao curto prazo em relação ao total de obrigações, sendo fundamental para entender a pressão financeira imediata e os riscos de liquidez, especialmente quando os prazos de pagamento são curtos e não condizem com a capacidade de geração de caixa da empresa (Novaes e Mota, 2021).

As empresas que apresentam elevada dependência de capital de terceiros tendem a ter menor flexibilidade financeira e maior vulnerabilidade em momentos de retração econômica, pois a necessidade de cumprir obrigações fixas, como juros e amortizações, compromete a margem operacional e limita a capacidade de investimento e inovação, o que pode afetar negativamente sua competitividade no médio prazo (Brito e Pancieri, 2018).

Contudo, o endividamento nem sempre deve ser interpretado de forma negativa, pois quando utilizado com planejamento e acompanhado de rentabilidade satisfatória, pode ser um instrumento de alavancagem financeira, permitindo o crescimento da empresa com recursos de terceiros, desde que os retornos gerados pelos investimentos superem o custo do capital captado (Valente, 2019).

É fundamental que os gestores monitorem a relação entre os passivos e os ativos totais, pois esse indicador evidencia o quanto dos bens e direitos da empresa estão financiados por obrigações com terceiros, sendo um parâmetro relevante para analisar a solidez patrimonial e para negociações com credores e investidores que buscam segurança em suas aplicações (Brioso et al., 2019).

No caso das micro e pequenas empresas, o acesso a crédito nem sempre se dá em condições favoráveis, levando muitas vezes à concentração de dívidas de curto prazo e com altas taxas de juros, o que pode comprometer a saúde financeira e exigir decisões urgentes de renegociação ou de busca por fontes alternativas de financiamento, como programas de incentivo ou capital de giro com garantias (Santos, 2021).

Os indicadores de endividamento também são utilizados na avaliação de risco de crédito por instituições financeiras, que analisam o histórico de pagamentos, a capacidade de geração de caixa e a estrutura de capital da empresa antes de liberar recursos, sendo a solidez financeira um fator decisivo para obtenção de crédito com melhores prazos e menores encargos (Novaes e Mota, 2021).

Em ambientes de alta competitividade, manter uma estrutura de capital equilibrada é essencial para garantir sustentabilidade financeira e autonomia nas decisões estratégicas, evitando a dependência excessiva de bancos e fornecedores, o que reforça a importância de acompanhar regularmente os índices de endividamento e estabelecer metas realistas para redução de passivos ou melhoria da alocação de recursos (Oliveira Júnior, 2018).

A análise dos indicadores de endividamento deve considerar o ciclo operacional da empresa, pois negócios com maior prazo de recebimento e menor rotatividade de estoques demandam maior capital de giro, podendo exigir mais crédito, enquanto modelos com alta liquidez podem operar com menos dependência de financiamentos, sendo importante ajustar a leitura desses índices à realidade de cada negócio (Valente, 2019).

Além dos números absolutos, os gestores devem estar atentos à tendência dos índices de endividamento ao longo do tempo, pois um crescimento acelerado das obrigações financeiras pode indicar problemas de fluxo de caixa, enquanto uma redução planejada pode sinalizar maior autonomia financeira e capacidade de reinvestimento, sendo essas análises cruciais para tomadas de decisão mais estratégicas (Brioso et al., 2019).

Os índices de cobertura de juros, como o EBITDA dividido pelos encargos financeiros, são complementares aos indicadores de endividamento e revelam se a empresa possui capacidade operacional suficiente para arcar com os custos do endividamento, sendo especialmente úteis para medir a solvência em empresas com grande volume de dívidas financeiras ou em processo de expansão (Valle, 2011).

A estrutura de capital ideal varia de acordo com o setor, o porte da empresa e seu estágio de maturidade, mas em todos os casos é imprescindível que os gestores tenham clareza sobre os riscos e benefícios do endividamento, adotando uma postura proativa na gestão das obrigações, com foco em previsibilidade, equilíbrio financeiro e suporte ao crescimento sustentável da empresa (Brito e Pancieri, 2018).

Dessa forma, os indicadores de endividamento não apenas informam sobre a saúde financeira da empresa, mas também subsidiam decisões estratégicas sobre captação de recursos,

investimentos, negociações com stakeholders e definição de políticas de crédito e cobrança, sendo indispensáveis para a construção de uma gestão financeira responsável, transparente e orientada à longevidade organizacional (Santos, 2021).

### 3 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica. Segundo Gil, a pesquisa bibliográfica é apropriada quando o propósito do trabalho está centrado na análise crítica de contribuições já existentes sobre determinado tema, permitindo ao pesquisador organizar, sintetizar e comparar diferentes perspectivas teóricas, sem a necessidade de coleta de dados empíricos diretamente com sujeitos da realidade pesquisada, o que a torna adequada ao campo das ciências sociais aplicadas e aos estudos contábeis e financeiros que buscam interpretar fenômenos já investigados por outros autores.

O recorte temporal das obras utilizadas concentra-se nos últimos quinze anos, com ênfase em publicações entre 2015 e 2024, abrangendo estudos de caso, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e relatórios acadêmicos que discutem o uso de indicadores contábeis, práticas de análise de demonstrações financeiras, controle gerencial e fundamentos da gestão estratégica aplicados à realidade de empresas brasileiras.

A seleção das obras foi feita com base em sua adequação ao tema proposto, clareza conceitual, aplicabilidade prática e relevância para o campo da administração financeira, sendo priorizados os trabalhos que, além de apresentarem dados teóricos consistentes, trazem reflexões críticas e aplicação direta dos indicadores em contextos empresariais reais, como o caso de empresas comerciais, indústrias, instituições educacionais e organizações do setor de cosméticos.

Os principais descritores que nortearam a busca e a organização do conteúdo foram: “análise financeira”, “indicadores de liquidez”, “rentabilidade”, “endividamento”, “análise das demonstrações contábeis”, “estrutura de capital”, “tomada de decisão gerencial” e “microempresas”, garantindo assim uma delimitação temática coerente com os objetivos da pesquisa e assegurando a homogeneidade dos textos utilizados para fundamentação teórica e análise crítica.

Dessa forma, a metodologia adotada confere ao estudo caráter analítico e documental, permitindo a construção de um panorama teórico amplo e aprofundado sobre a importância da análise econômico-financeira na gestão empresarial, especialmente em contextos de incerteza e limitação de recursos, reforçando o valor das boas práticas contábeis e da tomada de decisões orientada por dados confiáveis e indicadores sólidos.

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura demonstra uma convergência de múltiplos autores quanto à relevância da aplicação sistemática de indicadores econômico-financeiros como mecanismo essencial para a gestão eficiente das empresas, sobretudo aquelas de pequeno porte, nas quais o controle sobre liquidez, rentabilidade e endividamento é determinante para a continuidade das operações e para a sustentabilidade no médio prazo (Valente, 2019).

Os dados indicam que a ausência de uma cultura de monitoramento financeiro estruturado nas microempresas resulta, muitas vezes, na tomada de decisões baseada apenas na percepção subjetiva do gestor, o que contribui para falhas no planejamento orçamentário, acúmulo de dívidas, redução de margens e, em casos extremos, interrupção das atividades por falência técnica (Novaes e Mota, 2021).

Autores que analisaram empresas reais, como o estudo de Valente sobre uma loja no oeste do Paraná, evidenciam que a aplicação de ferramentas como fluxo de caixa, análise da Curva ABC e controle sobre contas a pagar e receber foi capaz de transformar dados brutos em ações concretas de reorganização financeira, promovendo maior transparência e precisão na gestão dos recursos (Valente, 2019).

Da mesma forma, o trabalho de Brito e Pancieri, ao abordar o caso da Natura Cosméticos, mostra que mesmo em grandes corporações a análise detalhada das demonstrações contábeis continua sendo indispensável, permitindo à empresa identificar desequilíbrios no capital de terceiros, níveis críticos de liquidez e desafios estruturais em sua composição patrimonial, o que reforça a aplicabilidade dos mesmos princípios de análise independentemente do porte da organização (Brito e Pancieri, 2018).

Os autores Briosso, Fanelli e colaboradores também apontam que os indicadores financeiros cumprem uma função estratégica ao fornecerem sinais de alerta em tempo hábil, como no caso de queda da liquidez corrente abaixo de 1, o que indicaria insuficiência de ativos para cobrir obrigações de curto prazo, condição que pode ser revertida com renegociação de prazos, controle de estoques e revisão de contratos com fornecedores (Briosso et al., 2019).

É possível observar que empresas que aplicam regularmente a análise de indicadores de rentabilidade, como margem de lucro líquido e retorno sobre o patrimônio, conseguem mapear com mais precisão quais setores ou produtos estão gerando resultados positivos e quais demandam reestruturação, o que favorece uma gestão mais

proativa e a maximização do valor entregue ao cliente e ao investidor (Novaes e Mota, 2021).

Os estudos também demonstram que a análise horizontal e vertical das demonstrações contábeis amplia a compreensão da evolução financeira da empresa, pois permite identificar alterações significativas nas contas patrimoniais e de resultado ao longo do tempo, oferecendo uma base sólida para a reavaliação de estratégias operacionais, como políticas de preços, investimentos ou expansão (Novaes e Mota, 2021).

No caso específico do trabalho de Oliveira Júnior, destaca-se que a análise financeira é considerada uma das ferramentas mais acessíveis e eficazes para pequenas empresas, mesmo na ausência de tecnologia avançada ou consultorias externas, pois seu uso se apoia em dados já existentes na contabilidade obrigatória, bastando organização e interpretação técnica adequada para transformá-los em decisões assertivas (Oliveira Júnior, 2018).

Quando se observa a aplicação prática da análise de endividamento, percebe-se que muitas organizações desconhecem o nível real de comprometimento de seu patrimônio com capital de terceiros, o que compromete a capacidade de negociar novos empréstimos ou de realizar investimentos estratégicos, sendo esse um dos principais gargalos identificados em empresas com baixa maturidade gerencial (Brioso et al., 2019).

A pesquisa de Santos sobre uma microempresa do setor metalúrgico reforça que, mesmo em ambientes industriais, onde os custos fixos são elevados e o ciclo operacional é mais longo, a utilização de indicadores financeiros simples foi suficiente para identificar pontos de vulnerabilidade, como excesso de dívidas de curto prazo, ausência de capital de giro e baixa margem operacional, propondo ajustes que foram rapidamente perceptíveis nos resultados (Santos, 2021).

Os resultados dos documentos analisados também indicam que o uso de sistemas de informação gerencial, quando possível, contribui para a centralização e organização dos dados contábeis, facilitando a análise periódica dos indicadores e reduzindo erros operacionais, o que é particularmente vantajoso para empresas que trabalham com grande diversidade de produtos ou múltiplos centros de custo (Valente, 2019).

Embora os indicadores de liquidez e rentabilidade sejam os mais populares, os trabalhos revisados destacam que os índices de estrutura de capital e cobertura de juros também exercem influência direta na avaliação da saúde financeira, pois permitem identificar a origem dos recursos e a capacidade da empresa de cumprir suas obrigações financeiras com folga operacional, sendo especialmente relevantes para empresas em crescimento ou endividadas (Valle, 2011).

Outra constatação recorrente nos estudos é a necessidade de capacitação dos gestores em contabilidade gerencial e análise financeira, já que muitas decisões erradas decorrem não da ausência de dados, mas da falta de conhecimento técnico para interpretá-los corretamente, o que aponta para a importância da formação contínua e do apoio de profissionais especializados, mesmo que de forma consultiva ou esporádica (Oliveira Júnior, 2018).

A literatura analisada também enfatiza que, embora o cenário econômico e o setor de atuação exerçam influência sobre os resultados financeiros, é a capacidade gerencial de interpretar os dados e agir com base neles que determina a resiliência e o desempenho da empresa, sendo a análise econômico-financeira o elo entre os dados contábeis e as decisões que moldam o futuro do negócio (Brito e Pancieri, 2018).

Em síntese, os resultados obtidos demonstram que a análise econômico-financeira não somente melhora a qualidade das decisões gerenciais, mas reduz riscos, otimiza recursos e amplia as possibilidades de crescimento sustentável, reforçando a ideia de que, em um ambiente competitivo e incerto, a informação financeira bem interpretada é um dos ativos mais valiosos de qualquer organização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise econômico-financeira consolidou-se neste estudo como um instrumento indispensável para a gestão estratégica das empresas, principalmente aquelas de pequeno porte, cuja vulnerabilidade diante das oscilações do mercado exige decisões assertivas e fundamentadas em dados concretos. A utilização sistemática dos indicadores de liquidez, rentabilidade e endividamento mostrou-se não apenas viável, mas necessária para garantir o equilíbrio financeiro, promover o crescimento sustentável e evitar que a gestão empresarial se apoie apenas na intuição ou na experiência empírica dos seus administradores.

Ao longo do trabalho, ficou evidente que os principais desafios enfrentados pelas organizações não estão, muitas vezes, na ausência de ferramentas de análise, mas sim na falta de hábito ou preparo técnico para interpretar corretamente os dados já disponíveis nas demonstrações contábeis. Muitas empresas possuem registros financeiros minimamente organizados, mas não conseguem transformar essa base em informação estratégica, o que representa uma lacuna grave entre a contabilidade obrigatória e a gestão orientada por indicadores.

Aprofundar-se nos conceitos de análise vertical, horizontal e dos índices financeiros permitiu compreender que o sucesso de uma empresa não está apenas ligado ao volume de vendas ou ao crescimento do faturamento, mas à capacidade

de administrar os recursos disponíveis com eficiência, monitorar sua saúde financeira de forma recorrente e reagir de maneira planejada diante de sinais de alerta como queda de margem, excesso de endividamento ou comprometimento da liquidez.

As evidências extraídas dos estudos analisados mostram que empresas que adotam boas práticas de controle financeiro e utilizam os indicadores como parte do processo decisório conseguem resultados mais consistentes, demonstram maior resiliência em momentos de crise e possuem melhores condições para captar investimentos, negociar prazos com fornecedores e acessar crédito em condições mais favoráveis.

Além disso, a integração da análise econômico-financeira com a gestão operacional amplia a visão sistêmica do negócio e possibilita ajustes mais precisos em áreas como precificação, controle de estoque, política de crédito e expansão, promovendo um alinhamento entre os objetivos financeiros e as decisões do dia a dia, o que fortalece o desempenho organizacional como um todo.

O estudo também evidenciou que empresas que negligenciam os indicadores financeiros costumam operar com baixa previsibilidade, alto risco e elevada dependência de capital de terceiros, o que compromete a autonomia do gestor e limita a margem de manobra em situações de adversidade, criando um ciclo de fragilidade que pode culminar na perda de competitividade ou até no encerramento das atividades.

A ausência de controle sobre os índices básicos da contabilidade gerencial compromete a tomada de decisão, impacta a credibilidade junto ao mercado e impede que o gestor compreenda o verdadeiro desempenho do negócio, muitas vezes mascarado por entradas momentâneas de caixa ou por vendas que não se convertem em lucratividade real, reforçando a urgência de profissionalização da gestão.

Por outro lado, empresas que compreendem o papel estratégico da análise financeiro-contábil e a inserem em sua rotina gerencial passam a operar com maior clareza sobre seus limites, potencialidades e riscos, o que permite traçar metas mais realistas, reduzir desperdícios e sustentar investimentos com mais segurança, independentemente do setor de atuação ou do porte da empresa.

A análise realizada reforça a necessidade de capacitação dos gestores e empresários no uso de ferramentas contábeis aplicadas à realidade prática do negócio, pois não basta apenas registrar dados, é preciso interpretar, planejar e agir com base nos resultados que esses dados indicam, de forma técnica, responsável e alinhada aos objetivos de longo prazo da organização.

Conclui-se, portanto, que a análise econômico-financeira deve ser tratada como parte integrante da cultura organizacional, sendo adotada

não apenas como obrigação contábil, mas como estratégia de sobrevivência e crescimento, especialmente em mercados voláteis, onde a informação bem trabalhada é o diferencial entre empresas que prosperam e aquelas que fracassam por falta de controle.

#### REFERÊNCIAS

BRIOSO, Ana Beatriz Dalri; FANELLI, Dayane Grazielle; BALDASSO, Graziela; SILVA, Lauriane Cardoso da; GROPO, Juliano Varandas. Indicadores financeiros na tomada de decisões gerenciais. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 4, n. 12, p. 110–116, 2019. ISSN 2448-0959.

BRITO, Andreza Raiane Borges; PANCIERI, Marcela Capácio. A importância da análise econômico-financeira no processo de gestão: um estudo de caso na empresa Natura Cosméticos S.A. Tomé-Açu – PA: Universidade Federal Rural da Amazônia, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Contábeis).

MOTA, Kamilla Martins de Moura; NOVAES, Laryssa Pires. Análise econômico-financeira: um estudo de caso em uma empresa do Alto Paranaíba. *Revista Científica da UNICERP*, v. 6, n. 1, p. 1–13, 2020. ISSN 2595-1649.

OLIVEIRA JÚNIOR, Neidineu Casas de. Análise financeira como ferramenta para tomada de decisão. *Revista Especialize Online – IPOG*, v. 9, n. 16, p. 1–8, dez. 2018. ISSN 2179-5568.

SANTOS, Deise Helen Fim; SANTOS, Edicreia Andrade dos; SOARES, Simone. Análise financeira e o processo decisório nas microempresas: o caso de uma indústria metalúrgica. *Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo*, v. 9, n. 1, p. 61–73, jan./jun. 2021. ISSN 2358-5918.

VALENTE, Murilo Souza. Análise financeira de uma empresa comercial de pequeno porte no oeste do Paraná. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira.

VALLE, Luís Eduardo Bomentre Ribeiro do. Análise estratégica e econômico-financeira para tomada de decisão sobre um aporte de capital em uma empresa de ensino à distância. 2011. Trabalho de Formatura (Engenharia de Produção) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo.